

# DESTINO TROCADO

«Uma leitura refrescante e encantadora.  
Um conceito brilhante.»

Beth O'Leary, autora de *Apartamento Partilha-se*

Poderá um  
pequeno desvio  
mudar o rumo  
de uma vida  
inteira?



TOP  
SEL  
LER

LORRAINE BROWN

# Capítulo 1

**S**ubi os degraus da estação de Venezia Santa Lucia a correr, a poucos minutos de o comboio partir sem nós e a tentar acompanhar o ritmo do Si, que ia vários metros à minha frente e já a atravessar as portas de vidro da entrada da estação.

— Vá lá, Hannah! — gritou, desaparecendo-me de vista.

Resmunguei baixinho enquanto corria aos ziguezagues pelo meio de um grupo de cerca de 150 turistas que tinham decidido que aquele era o lugar ideal para se porem a olhar para os mapas como se estivessem perdidos.

— Desculpem — disse eu, passando por eles aos encontrões, com a respiração entrecortada e o coração a palpitar no peito. Perder o comboio estava fora de questão. Se não o apanhássemos, teríamos uma discussão completamente desnecessária.

Acelerei pelos últimos degraus acima com suor a escorrer-me pelas costas, a encharcar-me a camisola muito fina e a acumular-se na cintura das calças de ganga, que estava cada vez mais arrependida de ter trazido com os 30 graus que se faziam sentir. Pensava que estava a ser inteligente: tinha a certeza de que o comboio iria ficar gelado a meio da noite, pelo que me vestira em conformidade. No entanto, naquele momento, com o sol de julho a bater-me diretamente na cabeça, aquela roupa estava longe de ser a ideal.

Entrei na estação atrás do Si, com dificuldade em manter o ritmo e a ver-lhe o cabelo louro a aparecer e a desaparecer. A minha mala,

que, claramente, não tinha sido concebida para ser manobrada a alta velocidade, estava sempre a cair para o lado ou a embater-me dolorosamente no tornozelo. Era como se tudo o que Veneza tinha de bom se tivesse evaporado no segundo em que atravessasse as portas da estação a correr. Já não ouvia táxis aquáticos a buzinar uns para os outros nem podia tirar fotografias do reflexo do sol a pôr-se no Grande Canal. Em vez disso, ouvia um burburinho incessante, anúncios demasiado altos num italiano frenético e birras de crianças cansadas e cheias de calor. Era uma pena que a minha impressão futura da bela cidade de Veneza pudesse vir a ficar manchada por aquele bloco de cimento caótico e iluminação fluorescente a que chamavam estação.

— Estás a abrandar! — gritou o Si por cima do ombro.

Esperou que eu o alcançasse, pegou-me pela mão e puxou-me para o acompanhar. Devia parecer ridícula, com o meu casaco de malha a voar atrás de mim como a capa de um super-herói enquanto o meu namorado me rebocava pelo átrio da estação sem qualquer cerimónia. Os meus pés nunca tinham andado tão depressa. Serpenteámos por entre a multidão, contornando as filas assustadoramente compridas para as máquinas de bilhetes porque, antes de sairmos de Londres, o Si tinha tido o discernimento de imprimir os nossos.

— Ora bem. Qual é a linha? — disse ele, ofegante, depois de pousar a mala e parar tão repentinamente que eu tropecei no calcanhar do sapato dele e por pouco não fui a voar direta para o chão. Na verdade, uma parte de mim só queria acabar com aquilo tudo e admitir a derrota. Podíamos passar mais uma noite em Veneza, jantar descansadamente, passear ao fim da noite nas tão românticas ruas secundárias de Cannaregio, que era a zona que não tivéramos tempo de explorar como devia ser. Isto se a Catherine, irmã do Si, não tivesse casamento marcado para Amesterdão na tarde seguinte, claro. Nunca nos perdoaria se chegássemos atrasados ou, pior ainda, se não chegássemos.

Pousei as mãos nas ancas, esbaforida, a olhar para o rosto do Si, enquanto ele estava concentrado a ler o painel de partidas e a murmurar baixinho: *Roma Termini, Milano Centrale, Verona Porta Nuova*. Fiquei surpreendida com a excelente pronúncia com que ele dizia os nomes daqueles lugares italianos, um talento que eu não fazia ideia de que ele possuía.

— Amesterdão, linha 5 — disse ele, lançando-me um olhar de relance e dando-me a mão. — Vamos, Hannah. Acho que conseguimos chegar a tempo.

Recomeçámos a correr, passámos apressadamente por um lugar chamado Relax and Caffé, cujo nome seria decerto uma ironia. Segui na pista do Si e abri caminho por entre a multidão, sem deixar de, a cada passo, me desviar das perigosas e sorrateiras rodas das pequenas malas que não paravam de aparecer à nossa frente a cada curva que fazíamos.

— Estamos quase a chegar — gritou ele, apontando para algo mais à frente.

O nosso comboio, decorado patrioticamente com as três cores da bandeira italiana, pairava sobre os carris, esguio e imóvel, de portas abertas como que para nos tentar: *podíamos* chegar a tempo, mas será que chegaríamos? O Si estendeu o braço em direção ao meu, puxou a pega da minha mala do meu punho fechado e acelerou à minha frente com uma mala levantada em cada braço.

Arquejante, e apesar de estar a sentir uma pontada de dor lancinante, inclinei-me para a frente como uma velocista prestes a cruzar a meta.

Ouviu-se uma buzina.

— Raios! — gritou o Si. — Espere! — berrou para um segurança.

Precipitámo-nos para a carruagem mais próxima. O Si atirou as nossas malas para o interior e empurrou-me pelas escadas acima atrás delas. Eu virei-me para verificar que ele estava atrás de mim e estremei ao ver as portas fecharem-se contra ele e voltarem a abrir-se quando ele as forçou para entrar e, por fim, a fecharem-se

definitivamente. O comboio começou a mover-se quase de imediato, trepidante de início, e, depois, a acelerar suavemente e a sair das sombras da estação.

— Estás bem? — perguntou-me o Si enquanto limpava o suor da testa com a palma da mão.

— Acho que sim — respondi, sem fôlego, a esfregar o meu flanco direito.

Despi o casaco de malha, atei-o à volta da cintura e recostei-me, demasiado exausta para me incomodar por ter a boca do extintor a fazer-me pressão nas costas. Quando levantei os braços e os estiquei à minha frente, reparei, à luz dourada que entrava pelas janelas, que estavam bastante bronzeados depois de alguns dias debaixo do sol de Veneza e que o meu cabelo, habitualmente castanho-escuro, parecia ter laivos louros. Ao nosso lado estava a lagoa, havia táxis aquáticos privados a seguir a toda a brida pela água, provavelmente trazendo e levando passageiros de e para o aeroporto. Custavam uma fortuna, pelo que escusado será dizer que passei a viagem inteira a observá-los com inveja a partir das longas filas para o autocarro aquático.

O Si dobrou-se, abriu o fecho da mala dele e mergulhou os braços no interior, de onde retirou os nossos bilhetes com um gesto teatral.

— Pelo menos um de nós é organizado — disse ele, rindo-se consigo próprio. — A sério, Hannah, o que farias sem mim, hem?

— Tenho a certeza de que me desenrascaria — murmurei baixinho. Não estava com paciência para os gracejos dele sobre a minha falta de préstimo.

Ele ouviu-me e levantou a cabeça, com um semblante cético.

— A avaliar pela última hora, não me parece.

Até parecia que eu tinha deixado a minha carteira de propósito no balcão da simpática lojinha de lembranças perto do hotel. Não me tinha apercebido de que a tinha perdido até ao momento em que ia pagar os bilhetes do autocarro aquático e, claro, tivemos de voltar para a irmos buscar, a correr como perdidos no meio da multidão e a evitar

as hordas de turistas com mochilas às costas a vaguearem a passo de caracol pelas passagens empedradas. A bonita rapariga de cabelo preto que lá trabalhava tirou-a de baixo do balcão e entregou-ma com um sorriso radiante. Quando chegámos de volta à paragem do autocarro, a fila estava quatro vezes maior. Sugeri que juntássemos os poucos euros que nos restavam e chamássemos um táxi privado, mas o Si recusou terminantemente, apontando para os preços escandalosos. Tendo em conta o dinheiro que ele já devia ter gastado na viagem, pareceu-me que não era a melhor altura para impor um limite.

Ele levantou-se e afagou-me o cabelo.

— Conseguimos. Isso é que importa — disse-me.

Eu assenti com a cabeça. Peguei na minha mala e tive dificuldade em puxar a pega extensível para cima, pelo que acabei por prender o dedo ao fazer força. Estremeci, chupando o dedo para aliviar a dor. O Si, que não tinha reparado, bateu com a base da palma da mão no botão para abrir as portas e passarmos para a carruagem seguinte. Eu segui-o como um lemingue, a pisar os dedos dos pés de outras pessoas segundo sim segundo não e a desfazer-me em desculpas logo de seguida.

— Cá estamos nós — disse o Si alegremente, quando parou à porta do compartimento da carruagem-cama de primeira classe que reservara para me fazer uma surpresa.

Eu esperei que ele abrisse a porta.

— Oh — exclamou ele.

Espreitei por cima do ombro dele. Já havia uma família lá dentro, um casal e um menino pequeno, com coisas espalhadas por todo o lado e uma confusão de brinquedos de plástico coloridos a cobrir o chão.

— Desculpe, mas este é o nosso compartimento — disse o Si, mostrando os bilhetes ao homem e pousando as malas no chão para marcar território. — Está a ver? Compartimento 4, carruagem H. Talvez o vosso seja mais lá à frente.

O homem virou-se e disse algo em francês à mulher, que estava sentada na beira da parte de cima do beliche com as pernas a baloiçar. Tinha um daqueles penteados lisos, brilhantes e completamente simétricos que iam só até ao queixo, e eu levei instintivamente a mão aos meus caracóis, que tinham ficado frisados e despenteados com o calor. Ficámos ambos à espera, especados e um pouco constrangidos. Senti pena do rapazinho, que estava a brincar, envergonhado, atrás das pernas do pai, mas também pensei que, em princípio, eles não ficariam sem um compartimento para eles. Tinham-se apenas enganado.

Depois de muito ruge-ruge de documentos e de trocas de palavras demasiado rápidas para que eu fosse capaz de compreender o que quer que fosse, o homem mostrou um papel ao Si. Olhámos ambos para o documento: o bilhete era idêntico ao nosso: comboio de Veneza para Amesterdão às 19h20, carruagem H, compartimento 4.

— Por amor de Deus — disse o Si entre dentes.

Era óbvio que tinha havido uma sobreposição de reservas. E eles tinham um filho, pelo que era claro que deviam ficar onde estavam. No entanto, eu começava a desconfiar que o Si detestava sair a perder, fosse qual fosse a situação. Um ano juntos não era assim tanto tempo no cômputo geral e ainda havia muito que tínhamos de descobrir acerca um do outro, sobretudo desde que partilhávamos um apartamento.

— Vamos procurar o responsável pelo comboio, não é melhor? — disse o Si, sem ceder.

— Como queira — disse o francês, encolhendo os ombros com desprezo.

Eu recuei para o corredor.

— Anda, Si. Deixa lá isso.

O Si acabou por desistir e por me seguir, após o que se encaminhou diretamente para a primeira funcionária da companhia de caminhos de ferro que vimos. Disse-lhe que queria fazer uma

reclamação oficial. Ela explicou (para grande irritação do Si) que não podia fazer nada a bordo e que teríamos de ir à bilheteira assim que chegássemos a Amesterdão. Apesar de, a meio do caminho, ele ter tido outra discussão com a empregada que trazia o carrinho das bebidas, acabámos por ficar num par de bancos apertado e duro como pedra, na classe económica, duas carruagens mais à frente. O Si estava a fumegar de raiva, mas fazia de conta que estava tudo bem.

— Vamos ficar bem aqui — disse ele, enquanto tentava enfiar a mala no compartimento para bagagens superior. Acabou por a empurrar com os pés para debaixo do assento quando finalmente percebeu que não ia caber. Eu afastei os joelhos para o deixar passar. Tinha-lhe cedido o banco do lado da janela porque já tinha estado numa viagem com ele num comboio e lembrei-me de que ele não parara de resmungar que as pessoas estavam «sempre» a bater-lhe no ombro. Além disso, eu sabia que, assim que nos instalássemos, ele não demoraria a adormecer, pelo que seria melhor para ele se pudesse encostar-se ao vidro. O único senão era que eu ia ficar presa naquele lugar nas 15 horas seguintes e nem sequer iria poder devanear enquanto olhava pela janela ou passar o tempo a tirar fotografias tremidas à paisagem. Passei os dedos pela alça da máquina fotográfica que estivera pendurada quase em permanência ao meu pescoço nos dias anteriores a perguntar-me se teria tempo de gastar meio rolo em Amesterdão antes do casamento.

— Peço desculpa por isto, Han — disse o Si, com um ar encabulado. — Que confusão. — Pegou-me na mão e afagou a pele entre o polegar e o indicador. — Isto era para ser uma surpresa especial. Afinal, só se faz 30 anos uma vez.

Eu rodei os joelhos para o encarar e fechei as mãos no seu rosto.

— Não há problema, Si. A sério. Estou a gostar muito da nossa viagem.

— Mas eu tinha tudo tão bem planeado — continuou. — No *Tripadvisor*, as pessoas adoravam os compartimentos de primeira



classe, diziam que eram acolhedores e românticos. De outra forma, eu teria reservado um voo.

— E é romântico — insisti. — E ficar sem cama durante a noite só aumenta a aventura.

— Não era bem em aventura que eu estava a pensar — disse ele, apoiando o cotovelo no peitoril da janela e beliscando o cimo do nariz com o polegar e o indicador. Era evidente que estava fulo por as coisas não terem corrido exatamente como ele tinha planeado. *Bem-vindo ao meu mundo*, pensei.

— Tenta descontrair-te — disse-lhe, enquanto, à falta de um leque, procurava arejar-me com a mão, pois já estava com demasiado calor.

— E aqui nem sequer há ar condicionado, pelo que vejo — disse o Si, limpando o lábio superior ao ombro da t-shirt.

— Também não deve haver no compartimento, então — calculei, enquanto pegava no meu livro, decidida a deixá-lo a ferver de raiva durante algum tempo.

Estava a meio do livro *Em Parte Incerta*, que a minha amiga Ellie me emprestara porque, pretensamente, eu era a única pessoa que não o tinha lido. Não obstante as tendências psicóticas da protagonista feminina, achei que havia algo muito apelativo na ideia de deixarmos a vida que tínhamos para trás e nos reinventarmos como pessoas completamente diferentes. Creio que, de uma forma muito mais limitada, eu também mudara depois de conhecer o Si. Tinha-me tornado uma versão mais contida e mais resolvida de mim própria. O tipo de namorada que eu achava que ele merecia e que eu sempre suspeitara que tinha capacidade de ser quando conhecesse a pessoa certa. E depois do que eu descobrira em Veneza, parecia que estava a resultar. Mordi o lábio, incapaz de conter um sorriso quando tentava aconchegar-me no banco e pousar a cabeça no ombro do Si.

— Tenho de ir à casa de banho — sussurrou-me ele ao ouvido ao fim de algum tempo, enquanto me afagava a coxa. — Desculpa, amor.

Sentei-me direita, sufocando um bocejo.

— Que horas são?

O Si olhou para o relógio.

— Dez e dez.

Um pouco menos de doze horas para chegar, portanto. Um dia inteiro de trabalho mais meio dia de outro. Doía-me o pescoço e queria desesperadamente esticar o corpo todo, adormecer de costas com as pernas estendidas e abertas como uma estrela-do-mar. Quando me pus em pé para o deixar passar, senti as pernas a cederem.

— Já volto — disse ele, avançando até ao fundo do corredor. Eu fiquei a vê-lo, maravilhada pelo facto de, mesmo naquelas circunstâncias, ele conseguir continuar a apresentar-se todo alinhado e arranjado com o polo verde-esmeralda e as calças de ganga anil. Aos 33 anos, o cabelo louro apresentava o mesmo tom cor de mel natural que, segundo diziam, tinha aos 5 anos, o que o fazia continuar a parecer muito jovem. Tinham-lhe pedido a identificação na Marks & Spencer pouco tempo antes, por exemplo, o que era algo que não me acontecia havia mais de uma década. Para piorar as coisas, numa manhã da semana em que íamos viajar, eu estava a escovar o cabelo e a puxar a minha franja curta para o lado para a prender, só para variar um pouco, e eis que o vi: o meu primeiro cabelo branco. Como seria possível, quando eu estava literalmente a acabar de sair dos vinte? Começara imediatamente a ter ideias macabras sobre a minha morte iminente (que parecia mais próxima do que nunca) e a pensar que ainda não tinha alcançado metade daquilo que queria alcançar. Nem sequer podia culpar os meus genes: a minha mãe tinha 57 anos e eu nunca tinha visto nenhum cabelo branco a manchar o seu belo cabelo louro-escuro. E não fazia ideia se o meu pai tinha ficado grisalho ou não. Ele tinha o cabelo escuro como o meu e também a pele morena como a minha. Além disso, também era pequeno e maciço, como eu pensava que eu era, pelo que talvez devesse culpar o meu pai pelo cabelo branco. Porque não, já que ele não estava por perto para me contrariar?

Voltei a sentar-me e pus-me à procura de sinais de vida do outro lado da janela, algo que me pudesse dizer onde estávamos. À medida que o comboio seguia a matraquear pelos carris adiante, eu tinha perdido a noção do país em que nos encontrávamos, como se o comboio pudesse estar a levar-me para qualquer lugar e eu estivesse a deixar-me ir. Lá fora, só ocasionalmente aparecia uma luz no horizonte, como um salpico de tinta amarela numa tela negra. Via os miúdos americanos conversadores do outro lado do corredor refletidos no vidro. Estavam a dormir, finalmente, cada um caído sobre um dos pais, os olhos fechados, mas não completamente, pelo que ainda se via um vislumbre de branco entre as pálpebras. Perguntei-me se aqueles pais seríamos eu e o Si dali a alguns anos: os dois a viajar pela Europa com duas crianças atrás de nós. A acabar com discussões por causa de doces e de quem tinha estado mais tempo a jogar na consola da *Nintendo*.

Ouvi o telefone do Si a vibrar. Não era costume dele ir aonde quer que fosse sem aquele objeto precioso: um *iPhone* em tons de ouro e cobre que estava praticamente soldado à mão dele. Depois de apalpar o chão com o pé, acabei por o encontrar na junção dos dois bancos. Tinha uma pré-visualização de mensagem no topo do ecrã e eu olhei para ela de relance, pensando que era a irmã dele, que estava sempre e enviar-lhe mensagens nas vésperas do casamento. Pousei-o na mesa rebatível do lado dele.

Quando olhei para cima, o Si estava ao meu lado.

— Trouxe umas bebidas para nós — disse ele.

— Ótimo — disse eu, sorrindo-lhe. Aí estava algo que era capaz de animar as coisas.

Ele passou junto aos meus joelhos, deixou-se cair no banco e pegou no telefone.

— Oh — disse ele. — Pensava que o tinha levado comigo.

Olhou para o ecrã.

— Recebeste uma mensagem — disse eu.

— Ai sim?

Premiu um botão, impaciente.

— Quem era?

— Trabalho — respondeu, levando o telefone ao bolso.

— Não me digas que era o Dave? — disse eu, referindo-me ao seu novo e impertinente supervisor. O Dave tornara a vida do Si um inferno desde que chegara, alguns meses antes da nossa viagem, e estava sempre a implicar com ele por tudo e por nada. Ou isso ou estava a tentar atribuir a culpa ao Si por algum erro que ele próprio tinha cometido.

— Não, graças a Deus, e ele é a última pessoa em que quero pensar esta noite — disse o Si, puxando a minha mesa para baixo com mais força do que seria necessário. — Toma. Trouxe-te um vinho.

Eu abri a garrafa com cuidado, e verti o néctar vermelho-rubi perfumado num frágil copo de plástico. Oh, o *glamour* das viagens de comboio. O Si fez o mesmo com a sua água com gás. Eu tinha orgulho nele por ele manter a regra autoimposta de não consumir álcool, mas, dadas as tensões do dia, pensei que ele ficaria muito melhor com um *brandy*. Era estranho que ele já não bebesse, e eu tinha ficado aliviada ao verificar que não era a única a ter essa opinião. A Ellie e o namorado, o John, ficaram espantados quando foram ao meu jantar de aniversário no mês anterior à espera de que a noite redundasse na habitual farra bem regada.

— Esse é exatamente o tipo de som que eu gosto de ouvir ao entrar numa sala — dissera a Ellie, ao assomar à porta no preciso momento em que eu estava a abrir uma garrafa de *Prosecco*. Aproximara-se da mesa para me puxar e me dar um abraço. — Feliz aniversário, Han.

Eu retribuía o abraço com afeto.

— Obrigada aos dois por terem vindo.

— Toma, põe isto no frigorífico — dissera ela com um piscar de olhos cúmplice, depositando-me uma garrafa de vinho nas mãos.

O Si e o John seguiram-na até à cozinha, já em plena conversa sobre futebol. Aparentemente, o Arsenal estava a jogar bem, o que

parecia agradar a ambos. Eu tinha catalogado o Si como um adepto de futebol nas boas ocasiões, uma vez que só mostrava interesse no clube dele quando a equipa estava a ganhar. Além disso, eu achava que ele fingia gostar de futebol mais do que na verdade gostava, dependendo da pessoa com quem estava. Creio que não o podia censurar por isso. Não fazemos todos o mesmo: não mostramos um entusiasmo relativo por algo com base no quanto queremos fazer parte de um grupo?

— Bem, bebidas — dissera eu, enquanto as distribuía. — Ups! Desculpa, Si — desculpara-me e voltara para trás, indo ao frigorífico buscar o sumo de laranja e enchendo uma flute com ele. — Quase me esquecia de ti.

A Ellie parecera confusa.

— Não bebes, Si?

O Si passara atrás de mim e eu sorrira-lhe instintivamente quando ele me apertara os quadris.

— Na verdade, deixei de beber — dissera ele, sem mostrar preocupação alguma.

— O quê? Para sempre? — perguntara o John, já a embarcar o *Prosecco* como se se pudesse estragar.

— Acho que sim — respondera o Si enquanto punha o avental. — Ando numa de ser mais saudável.

A Ellie olhara para mim, eu encolhera os ombros. Não lhe tinha dito nada porque sabia que ela não se ia calar, além de eu não saber bem como haveria de lhe explicar aquela decisão, porque parecia vinda do nada. Quando começámos a viver juntos, eu adorava a forma como falávamos sobre o nosso dia com um copo de vinho nas mãos à noite, um a pôr a mesa enquanto o outro cozinhava. Era algo por que ansiava quando estava pregada à secretária no trabalho à tarde, a tentar a todo o custo concentrar-me. Uma oportunidade para relaxarmos juntos e para eu deixar as frustrações do dia para trás das costas. Depois, as coisas tornaram-se um tudo-nada mais distantes. Ele passou a ir direto do trabalho para

o ginásio na maioria das noites, pelo que, quando chegava a casa e jantávamos, eu já estava exausta e pronta a ir para a cama. No entanto, por outro lado, eu também estava a beber menos. Não era tão divertido beber sozinha, o que se tornou mais do que evidente em Veneza. Num agradável fim de tarde, estávamos sentados numa belíssima praça empedrada e, enquanto eu tentava desfrutar de um copo de vinho branco aveludado e gelado, o Si passou o tempo todo a discorrer sobre o preço exorbitante da água com gás.

Ao fim de uma hora, que passou angustiantemente devagar e durante a qual o comboio parecia quase parado, eu estava desesperadamente aborrecida e nem um pouco cansada. Entretanto, o comboio acelerou e seguiu a bom ritmo, embalando-nos de um lado para o outro numa cadência regular. O vinho estava a ajudar tanto que eu fui buscar mais.

— Vamos divertir-nos um pouco — disse eu, passando os dedos no joelho do Si.

Ele tirou os auscultadores e inclinou-se na minha direção até que as pontas dos nossos narizes se tocassem.

— E o que propões que façamos exatamente?

A escolha acabou por recair na observação de pessoas, com os comentários brilhantes do Si, que, qual David Attenborough, contava a história de vida imaginada de cada passageiro que decidíamos observar.

— Aquele vai visitar uma rapariga holandesa que conheceu numas férias no Bali e, embora pareça todo fanfarrão, no fundo está a tremer de nervos que ela o venha a rejeitar, tal como todas as outras ex-namoradas antes dela — disse o Si.

— Achas? — perguntei, com dúvidas acerca da avaliação que ele estava a fazer do rapaz cheio de bazófia e com barba de hipster.  
— Ele parece-me muito seguro de si.

— É tudo fachada — disse o Si, convincentemente, estendendo o braço para me puxar o cabelo comprido para trás das orelhas.

— E aquela — disse ele, apontando com a cabeça para a mulher de ar nervoso que regressava da carruagem-bar com uma garrafinha de vinho branco e um copo de plástico nas mãos — vai visitar a meia-irmã há muito esquecida, com quem retomou o contacto no *Facebook*. Está apavorada com a perspectiva de que venham a odiar-se. Ainda vai beber outra antes do fim da noite, vais ver.

Eu ri-me.

— Tens umas ideias muito estranhas.

O telefone do Si tocou e ele levou a mão ao bolso para o ir buscar.

— Estou?

Calculei logo que seria a Catherine.

Ele disse com os lábios: *A minha irmã.*

Eu sabia. Comecei de imediato a ouvir voz estridente da Catherine a debitar os pormenores da mais recente pequena contrariedade que ela tinha decidido transformar em catástrofe. Ao fim de muitos anos a namorar com amigos de amigos da Universidade de Durham, bem-parecidos mas pouco inteligentes (pelo menos segundo o que ela me contara), a Catherine conhecera o noivo, o Jasper, numa viagem de trabalho a Amesterdão. Ele era dez anos mais velho do que ela, era curador de arte — uma profissão que eu ainda não compreendia bem — e vinha de uma família holandesa rica que, ao que parece, tinha propriedades no mundo inteiro. Talvez aquela fosse a primeira vez que a Catherine estava a sentir-se tão insegura como é normal acontecer ao resto das pessoas. No entanto, estava a preparar-se para a sua nova vida com grande desembaraço e, juntamente com a mãe, Pauline, estava praticamente transformada num equivalente de Berkhamsted da Pippa e da Carole Middleton. Mãe e filha tinham-se atirado aos preparativos do casamento com uma intensidade assustadora, tendo mandado fazer convites personalizados numa loja na Mount Street e encomendado *marshmallows* exclusivos, porque, ao que parece, fora o que a Pippa fizera. Quanto ao vestido... bem, não me tinham sido confiados os detalhes do vestido. Sabia que era de uma loja

caríssima da New Bond Street, mas o desenho da peça estava envolto em segredo e, sempre que eu perguntava, por mera educação, qual o tecido que ela escolhera, ou que tom de branco, ou se iria usar um véu, ela fazia um movimento de fecho-éclair sobre os lábios e eu era posta firmemente de volta no meu lugar.

— O pai não pode fazer isso? — perguntou o Si com cautela, a revirar os olhos na minha direção numa tentativa de mostrar bom humor.

Eu esbocei-lhe um sorriso encorajador e abri o meu livro para me distrair do som da voz da Catherine, que ia aumentando de volume à medida que a conversa avançava e ela ia ficando mais nervosa. A sério, era assim que uma pessoa ficava ao planear um casamento? Todas as suas neuras eram ampliadas?

— Não, de certeza que a Hannah não se importa de pôr as argolas nos guardanapos — disse o Si.

Eu arregalei-lhe os olhos, esperando transmitir a mensagem de que aquilo já era demais e de que ele precisava de mostrar alguma firmeza. Já me tinham sido atribuídas várias tarefas para assegurar que o casamento do ano corresse de forma perfeita no dia a seguir, entre as quais compilar mais de 200 cartões de marcação de lugares (a Catherine dizia que eu era a única pessoa que ela conhecia com uma caligrafia aceitável) e atar uma faixa magenta em redor dos caules dos ramalhetes personalizados das damas de honor. Teria sido muito mais fácil lidar com todos aqueles problemas se ela não tivesse despedido a organizadora de casamentos do hotel, mas quando a mulher se atreveu a sugerir que o esquema de cores da Catherine iria colidir com a decoração da sala de jantar, não havia volta a dar. Além disso, a Pauline não era propriamente a voz da razão. Na verdade, pela forma como ela e a Catherine se comportavam, poder-se-ia pensar que a cerimónia iria ser transmitida em direto pela televisão para o mundo inteiro.

— Olha, Cath — disse o Si, enquanto massajava o espaço entre as sobrancelhas —, vou ter de desligar não tarda, está bem?



Estamos num comboio. E, oh, olha, estamos a abrandar e a chegar a uma estação. Acho que vou ter de desviar umas malas.

Eu franzi o sobrolho na direção dele na brincadeira e dei-lhe um toque com o pé no tornozelo. Nós não íamos parar, o comboio parecia era estar a acelerar ainda mais. Inclinei a cabeça para o corredor para ver o que as outras pessoas estavam a fazer (a dormir, sobretudo) e ouvir apenas os ecos da conversa do Si a acalmar a irmã, a dizer-lhe que ia correr tudo bem, que ela iria estar bonita, que o Jasper iria ficar orgulhoso dela e que ele, o Si, tinha orgulho nela independentemente do que viesse a acontecer. Até os dois tipos à nossa frente pareciam estar divertidos: vi-os a virar a cabeça para olharem dissimuladamente para nós pelo espaço entre os bancos, sem dúvida admirados pelo estranho tom grave que o Si reservava exclusivamente para a irmã e que era cerca de uma oitava mais baixo do que o seu tom de voz habitual. Quando eu conheci a Catherine, alguns meses depois de eu e o Si termos começado a namorar, assumi de imediato que não tínhamos nada em comum. Ela era uma daquelas raparigas bonitas e populares que andaram em escolas privadas e, tanto quanto me era dado a perceber, nunca tivera nenhuma dificuldade real, pelo que possuía o tipo de confiança extrema com que eu só podia sonhar. Mas quando ela não estava a falar sobre casamentos, acabei por descobrir que não éramos tão diferentes como eu pensava. Criámos laços graças ao nosso gosto pelo vinho e pelos *reality shows*, e cheguei a pensar que podíamos estar a criar as bases para uma verdadeira amizade.

— Vou mesmo ter de desligar agora, Cath, está bem? Vemo-nos amanhã, sim? — disse o Si.

Desligou o telefone e olhou para mim, incrédulo.

— É mau que eu fique aliviado depois de tudo isto acabar?

Eu escolhi as minhas palavras com cuidado.

— Ela, de facto, tornou-se um pouco controladora demais.

— Tornou-se? Sempre foi. Só se acentuou um pouco com o casamento — disse ele, recostando-se na cadeira e soltando um resmungo de frustração.

— Vá, vamos dar uma olhada às tuas fotografias de Veneza — disse eu, enquanto o comboio seguia o seu caminho ruidoso e depois de alguém com uma voz desnecessariamente alta decidir fazer um telefonema, apesar de ser uma da manhã. — Isso vai animar-nos.

Estava demasiado cansada para ler o meu livro e demasiado elétrica para dormir, presa num qualquer limbo de terrível desasossego. Ele deu-me o telefone.

— Não são grande coisa, Han. As tuas vão ser muito melhores.

— Não, não vão — garanti-lhe, embora achasse que provavelmente seriam. Parecia que tinha finalmente encontrado algo em que era bastante boa e raramente saía de casa sem a minha adorada *Canon AE-1* comprada em segunda mão. Tinha sido uma prenda de Natal do Si e o presente mais atencioso que eu alguma vez recebera de alguém.

Fui passando as fotografias da galeria do telefone do Si, a começar pela que ele me tinha tirado quando chegámos a Veneza. Estávamos no aeroporto, à espera na fila para o autocarro aquático. Por uma vez, não estava preocupada com a minha aparência: apresentava-me descontraída com uns calções de ganga cortados, chinelos de enfiar o dedo e uma t-shirt preta, o cabelo mais encaracolado do que era habitual devido à humidade, um guia aberto na mão e um sorriso enorme no rosto porque estava felicíssima por estar naquele lugar que eu sonhava visitar desde que era pequena, quando a minha mãe me mostrava fotografias de todos os locais de interesse e inventava histórias sobre eles. Depois vinha a *selfie* de nós os dois que ele tinha tirado à porta da Basílica de San Marco e que não era a fotografia mais bem enquadrada, já que o Si media um metro e oitenta e oito e era dez centímetros mais alto do que eu, pelo que era praticamente impossível não lhe cortar o cimo da cabeça ou tudo abaixo do meu nariz.

Enquanto eu enviava à minha mãe pelo *WhatsApp* uma sequência de fotografias que eu e o Si tínhamos tirado no Palácio do Doge, o telefone dele vibrou e começou a aparecer outra mensagem.

— Deixa ver — disse ele, tirando-me o telefone da mão e olhando para o ecrã. — Raios partam! — disse, com uma interjeição teatral. — Trabalho outra vez.

— O que é que eles querem agora? — perguntei.

Não que eu fosse perceber grande coisa do que ele viesse a dizer-me. Eu ainda não tinha a certeza absoluta sobre o que fazia ele diariamente. Sabia que tinha algo que ver com a venda de produtos farmacêuticos e que implicava viajar muito e ficar em hotéis e fazer apresentações. Sabia também que ele não considerava falar em público a pior coisa do mundo.

— Não a vou ler, por uma questão de princípio — disse o Si. — Afinal de contas, estou de férias, não estou?

Olhei para ele, hesitante.

— Está tudo bem?

— Claro que está — respondeu, com um sorriso vazio. — Já tinhas terminado o que estavas a fazer no telefone, não já?

— Nem por isso.

— Li algures que não devias estar ao telefone. A luz azul dá cabo do nosso padrão de sono — disse ele.

— Seja como for, está demasiado barulho para dormir, por isso não faria grande diferença.

— Porque é que não pões os teus auriculares nos ouvidos?

— Deixei-os em Veneza — respondi, imaginando-os na mesinha de cabeceira do hotel, os meus salvadores verdes fluorescentes. Tinha de ir comprar outros quando chegássemos a Amesterdão.

— Bem, se tu não tens intenção de descansar um pouco, eu tenho — disse o Si enquanto enfiava o telemóvel no bolso. — Caso contrário, amanhã não vou estar em condições de ajudar ninguém.

Inclinou o corpo para longe de mim, enrolou-se contra a janela, fechou os olhos e cada inspiração foi-se tornando cada vez mais longa e profunda. O Si era sempre brusco comigo quando estava cansado, ele próprio o admitira. Ficaria bem ao fim de algumas horas de sono. Eu, por outro lado, provavelmente teria de passar por

aquele casamento com um caso grave de déficit de sono. Imaginei que iria ficar embriagada demasiado depressa na festa de casamento e acabaria por dizer anedotas impróprias antes de ter uma discussão alimentada a vinho com alguém. A minha ansiedade disparou e duplicou a sensação de desconforto e mal-estar que tinha no fundo do estômago. Já era capaz de imaginar a Pauline a fazer comentários presunçosos nas minhas costas: *Este não é o mundo dela, Simon. Ela não se sabe comportar num evento exclusivo como este.* Sim, a Pauline referia-se constantemente ao casamento como um «evento», o que, secretamente, eu achava deveras irritante.

Massajei o maxilar com as pontas dos dedos e tentei entrar naquele estado de serenidade que nos leva ao sono, o que não era fácil quando o casal nos bancos de trás sussurrava tão alto que mais valia estar a falar normalmente, ao mesmo tempo que alguém mais atrás devorava um pacote de batatas fritas com sofreguidão.

O telemóvel do Si voltou a vibrar. A sério, o que é que estava a acontecer? Só podia ser a Catherine. Aproximei os dedos do bolso do Si e puxei o telemóvel o mais cuidadosamente que conseguia. Ia pô-lo em silêncio. Ele tinha acabado de adormecer, a última coisa de que precisava era que ela estivesse a enviar-lhe uma data de mensagens em catadupa. Não valia a pena ficarmos ambos cansados no casamento.

O telemóvel tornou a vibrar quando eu digitei a senha que ele me dera há muito tempo, que era 1956, o ano do nascimento da sua mãe. Havia uma mensagem no cimo do ecrã, de um número desconhecido.

Estás acordado? Sou eu, a Al.

Franzi o sobrolho. Devia ser alguém do trabalho, embora ele nunca tivesse falado de ninguém chamado Al e a única Al que eu conhecia era a Alison, uma das damas de honor da Catherine. Ela tinha organizado a festa de despedida de solteira, um fim de semana

estupidamente caro em Marbella a que eu tentara esquivar-me porque não tinha dinheiro e porque não conhecia ninguém além da Catherine. Acabara por ir, claro, sobretudo porque não tinha sido capaz de pensar numa boa desculpa para não o fazer. Lembrei-me de que a Alison parecia simpática até se ter embriagado, discutido com um tipo espanhol ao qual estivera a dar conversa a noite inteira e vomitado na piscina. Se era ela, era possível que houvesse algum problema de última hora. A Catherine estaria provavelmente a moer-lhe o juízo também.

Passei o dedo pela notificação. Havia mais mensagens do mesmo número.

Sou eu, podes falar?

E antes dessa:

Estou no casamento. Quando é que chegas? Preciso urgentemente de falar contigo.

Era mesmo a dama de honor da Catherine, afinal. De qualquer forma, pus o telemóvel em silêncio: o que quer que se estivesse a passar, não havia muito que ele pudesse fazer naquela noite. Tentei enfiar-lhe o telemóvel de volta no bolso sem o perturbar, mas escorregou-me da mão e caiu na alcatifa. Estremeci e rezei para que não o tivesse partido. O Si ficaria fulo. Ele agitou-se e eu olhei a medo para cima. Ele tinha os olhos meio abertos e juntou as mãos, esticando-as em cima da cabeça.

— O teu telemóvel caiu — sussurrei, tocando-lhe levemente no braço.

Ele apalpou o bolso e passou a mão por entre os nossos bancos.

— Está no chão — sussurrei alto.

Algures entre a vigília e o sono, ele dobrou-se e apanhou-o. Reparei que o pôs no bolso mais distante antes de voltar a pousar a cabeça

no vidro. Era estranho ele não me ter dito que as outras mensagens eram da Alison, mas eu estava certa de que havia uma explicação simples. Ele sabia que eu estava cansada dos constantes pedidos da Catherine. Devia ser só isso. Provavelmente pensou que eu não iria querer saber. De manhã iria perguntar-lhe o que era.

Fechei os olhos, apertando-os o mais possível. O Si começou a ressonar levemente. As portas continuavam a abrir-se e a fechar-se, sibilantes, a cada poucos minutos e eu ouvia um grupo de rapazes a dar gargalhadas na carruagem seguinte. Haveria seguramente algum sítio mais sossegado naquele comboio. Poderia ir sentar-me noutra lugar só por um bocadinho. A mudança de cenário talvez me fizesse bem. Puxei a minha mala de ombro de palha para cima do colo com cuidado para não acordar o Si. Depois pus-me em pé e atirei o casaco de malha para cima do banco, porque ainda estava demasiado calor e achava que não ia precisar dele. A minha mala estava no bagageiro junto à porta, ficaria bem lá e eu voltaria para a ir buscar de manhã. Hesitei por um segundo ou dois enquanto passava os dedos pela alça da máquina fotográfica a pensar se deveria deixar um bilhete a avisar. De qualquer forma, seria só uma ou duas horas. Provavelmente, ele nem iria reparar que eu tinha saído. Depois de olhar uma última vez para o Si, dirigi-me a cambalear para a parte da frente do comboio.

*Por vezes, seguir na direção contrária  
é a melhor forma de encontrar  
o caminho certo.*

Depois de umas férias em Veneza, a próxima paragem de Hannah e Simon é Amesterdão, onde têm presença marcada no casamento da irmã dele. Mas o que parecia ser uma viagem simples e despreocupada acaba por transformar-se numa verdadeira aventura para Hannah, quando esta adormece num lugar diferente e, ao acordar, se apercebe de que a sua carruagem se separou daquela onde se encontrava Simon. Em virtude desta divisão noturna do comboio, Hannah dá por si a caminho de Paris, enquanto o namorado segue a alta velocidade na direção oposta — juntamente com todos os pertences dela!

Chegada à capital francesa, sozinha, sem bagagem e sem telemóvel, Hannah não tem outro remédio senão aceitar a companhia de Léo, um francês atraente mas muito irritante que a culpa por ter perdido o seu comboio, depois de a ter ajudado a recuperar de uma queda na plataforma. Com várias horas a separá-los do próximo comboio,

o passeio de descoberta pelas ruas de Paris rapidamente se transforma numa jornada de autodescoberta para Hannah, que começa a pôr em causa as suas escolhas de vida e o que tinha projetado para o seu futuro.



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-716-3



Ficção Romântica